



Revista Comunicação Midiática
v. 12, n. 3, p. 97-112, set./dez. 2017

**A arte da não ficção nos relatos jornalísticos: as reportagens de Christian
Carvalho Cruz**

**El arte de no ficción en los informes periodísticos: los reportages de
Christian Carvalho Cruz**

**The nonfiction art in Journalism's accounts: Christian Carvalho Cruz's re-
ports**

Monica Martinez

Monica Martinez é doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado em Narrativas Digitais pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e estágio de pesquisa junto ao departamento de Radio, Televisão e Cinema da Universidade do Texas (2013). Atualmente é docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). martinez.monica@uol.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de analisar a obra do jornalista brasileiro Christian Carvalho Cruz a partir do referencial teórico do Jornalismo Literário. A abordagem metodológica compreende revisão de literatura sobre o autor, seleção de reportagens recentes, feita de forma colaborativa com o escritor para formação do corpus, uso do método da história de vida, por meio sobretudo da técnica da entrevista aprofundada, para correlação da obra com a vida do autor. O resultado sugere algumas aproximações com outros expoentes do Jornalismo Literário, como Joseph Mitchell (1908-1996), em particular a noção de “observação reveladora” (revealing remark), que tem certa relação com o método da observação participante, conhecido da academia brasileira. As conclusões sugerem que existem semelhanças entre a observação participante, método de coleta de dados utilizado na pesquisa qualitativa brasileira, e o método de captação de história da vida empregado por outros expoentes do jornalismo literário, em particular Joseph Mitchell (1908-1996) e seu conceito de observação reveladora.

Palavras-chave: Comunicação, jornalismo, jornalismo literário, reportagens, Christian Carvalho Cruz.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar el trabajo del periodista brasileño Christian Carvalho Cruz desde el marco teórico del periodismo literario. El enfoque metodológico comprendió una revisión de la literatura sobre el autor, la selección de los reportes considerados más significativo por el (exclusivos para este estudio), realizada en colaboración con el escritor para formar el corpus, utilizando el método de la historia de vida a través principalmente de la técnica de la entrevista en profundidad para la correlación con el trabajo vida del autor. El resultado sugiere algunas aproximaciones con otros exponentes del periodismo literario como Joseph Mitchell (1908-1996), en particular la noción de "observación reveladora" (revealing remark), que presenta alguna relación con la observación participante, un tipo de método de recopilación de datos utilizado en la investigación cualitativa brasileña.

Palabras clave: Comunicación, periodismo, periodismo literario, reportes, Cristiano Carvalho Cruz.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the work of Brazilian journalist Christian Carvalho Cruz from the theoretical framework of Literary Journalism. The methodological approach comprises a literature review of the author, a corpus of his most significant reportages (chosen collaboratively with the writer himself), and a study of that corpus via life-story interviewing techniques in order to discern the correlation between the author's life and his work. The conclusions reached suggest that similarities exist between participant observation, a data collection methods used in Brazilian qualitative research, and the life-story methods of other exponents of Literary Journalism, in particular Joseph Mitchell (1908-1996) and his concept of the revealing remark.

Keywords: Communication, journalism, literary journalism, reports, Christian Carvalho Cruz.

Breves considerações sobre o recorte do referencial teórico

Do ponto de vista da história do jornalismo literário, há muitos trabalhos que abordam a relação entre esta modalidade e a literatura (Bulhões, 2007; Castro, 2010; Castro; Galeno, 2005; Lima, 1990). Este artigo, contudo, parte de duas outras premissas. A primeira relaciona jornalismo como literatura (*journalism as literature*), como proposto pela *International Association of Literary Journalism Studies* (IAJLS), por meio de trabalhos de estudiosos internacionais como John S. Back (Bak; Reynolds, 2011), entre outros. A segunda amplia esta noção, propondo o jornalismo literário praticado no século XXI como uma modalidade de prática jornalística que pode empregar métodos de captação e observação da realidade originados das Ciências Sociais, como a história de vida (Martinez, 2015) e a observação participante, dentre outras. A partir dessa colheita diferenciada, esses aportes são ressignificados a partir da experiência do autor; essa ressignificação será tão ampla quanto o for a visão de mundo do profissional. Nesse ponto, ética e estética se mesclam na experiência de “mergulho na realidade contemporânea para tentar compreender seus mistérios, nexos e sentidos e relatá-los, com seus acertos, suas idiossincrasias, seus paradoxos e suas possibilidades. Cria, portanto, certo sentido no meio do caos observado” (Martinez, 2016, p. 405-406). É nesse momento que “há a redação com técnicas provenientes da literatura, com o objetivo de criar um relato não ficcional envolvente, que permita a compreensão aprofundada do tema” (Martinez, 2016, p. 405).

Nesse contexto de jornalismo autoral, esta pesquisa busca investigar de que forma uma visão distinta pode ser percebida e impactar na produção de um autor inserido em uma grande publicação jornalística, tentando-se identificar nos procedimentos metodológicos adotados pelo jornalista as ações específicas que o permitiram atingir o objetivo proposto para a confecção de uma dada reportagem, bem como eventuais limites que não puderam ser transpostos. Do ponto de vista de objetivos, a consideração destes problemas permite questionar algumas hipóteses dadas como certas na produção jornalística contemporânea. A primeira é a de que as práticas produtivas em meios de comunicação, notadamente os tradicionais, não permitiria a presença de reportagens aprofundadas. A segunda é a de que o jornalista estaria fadado a produzir matérias rasas devido às camisas-de-força impostas pelos sistemas midiáticos, como a linha editorial de um dado veículo.

Aportes metodológicos

Esta pesquisa foi iniciada em outubro de 2015, por meio de atualização de revisão de literatura sobre jornalismo literário no século XXI. Do ponto de vista de objeto, após triagem inicial, foi selecionado o trabalho do jornalista Christian Carvalho Cruz por três motivos. O primeiro é que há menos estudos sobre o autor até o presente momento a respeito de alguns outros expoentes do jornalismo literário, como a gaúcha Eliane Brum. O segundo é o de que, na oportunidade, ele era editor assistente do caderno *Aliás* de *O Estado de S. Paulo*, tradicional diário paulista em atividade desde 1875. Como se sabe, o *Estadão*, como é mais conhecido, abrigou expoentes do jornalismo literário brasileiro internacionalmente conhecidos, como Euclides da Cunha (1866-1909), cuja obra *Os Sertões* (Cunha, 1963, 1944) é considerada um dos marcos desse campo de estudos. Finalmente, o terceiro

ponto é o de proximidade geográfica, uma vez que o jornalista também reside em São Paulo.

Escolhido o sujeito da pesquisa, em novembro de 2015 foi feita uma revisão de literatura científica sobre a obra do autor em duas instâncias. A primeira foi a do Portal de Periódicos Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>), que congrega a produção de todas as revistas científicas nacionais. A investigação, feita por meio da busca do nome do autor entre aspas (“Christian Carvalho Cruz”), não acusou nenhum estudo. A pesquisa foi confirmada em 26 de outubro de 2016, apresentando o mesmo resultado negativo. A segunda instância de busca foi o Google Acadêmico. Realizada em 26 de outubro de 2016 e confirmada em 19 de dezembro de 2016, igualmente por meio da procura pelo nome do autor entre aspas (“Christian Carvalho Cruz”), ela revelou respectivamente 15 e 16 resultados. Excluindo-se as matérias do próprio Cruz e a coletânea por ele publicada com uma seleção de suas reportagens (Cruz, 2011), entre outros resultados não acadêmicos, a triagem resultou em dois artigos científicos, dois trabalhos apresentados em congressos e duas teses de doutorado, cujos achados foram incorporados na revisão teórica deste estudo.

Para que a amostra não fosse selecionada a partir exclusivamente do olhar do pesquisador, o que poderia resultar em algum viés não intencional, foi solicitado ao repórter que fizesse uma seleção do que ele considerava seus melhores trabalhos. Em 02.02.2016, ele enviou 13 matérias, selecionadas por ele no período após a publicação de seu livro, isto é, dos últimos cinco anos (2012 a 2016). Foi agendada uma entrevista presencial, aprofundada, em 16.02.2016, quando foi solicitado ao autor que escolhesse, dentre o material enviado, as três peças favoritas. O corpus foi, então, fechado em três histórias de vida, tendo em comum, embora não fosse uma demanda prévia, o tema esporte. A primeira, de 2012, é *Hilton Authentic* (Cruz, 2012a), sobre Antônio Wilson Honório, o Coutinho, um jogador do Santos contemporâneo de Pelé que, diferentemente deste, nunca ficou conhecido internacionalmente, famoso ou rico. A segunda, igualmente de 2012, é sobre o ex-piloto de Fórmula 1 Alessandro Zanardi, que perdeu as duas pernas num acidente da Formula Indy em 2001. Finalmente, a terceira é *Nonada, Ralf* (Cruz, 2015), sobre o volante (jogador da defesa) paulista Ralf Souza Teles, na época camisa 5 do Corinthians, atualmente jogador no time chinês Beijing Guoan. Elas foram analisadas a partir da perspectiva da noção da observação reveladora (*reveiling remark*) do jornalista estadunidense Joseph Mitchell (1908-1996), que será explicitada no estado da arte deste artigo.

Do ponto de vista de estrutura narrativa, há várias propostas de análise, sendo que a de Motta é uma das mais empregadas nos estudos em jornalismo (Motta, 2007, 2013). Neste trabalho, optamos por conduzir a análise a partir do esquema narrativo proposto por Todorov (TODOROV, 1970), no modelo simplificado utilizado por Abdala Junior (Abdala Junior, 1995) e Gancho (Gancho, 2006), denominado “elementos da narrativa” (enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador).

Breves considerações sobre o autor e sua carreira profissional

Christian Carvalho Cruz nasceu em 28 de julho de 1974. Descendente de portugueses e italianos, ele nasceu em uma família na qual a tradição oral era proeminente. Seu pai, que trabalhava em uma padaria, estudou até a quarta série; sua mãe, dona de casa, até a oitava. “Minha mãe não lia na cama para nós, mas estava sempre preocupada em disponibilizar material de leitura”. Ele queria ser médico, mas a família não podia arcar com as des-

pesas. Considerou estudar publicidade, mas desistiu ao descobrir que apenas 1% dos graduados trabalhava no departamento de criação. Tímido, se perguntou onde poderia ganhar a vida escrevendo. Jornalismo foi a resposta. Para pagar o curso, solicitou crédito educativo na Caixa, e quitou o pagamento do curso de graduação seis anos após a conclusão.

“Vejo meus colegas brigando por furos jornalísticos, mas notícia nunca foi meu negócio. Eu sempre me interessei mais por boas histórias. Tenho forte a lembrança de minha mãe pela manhã, lavando e passando roupa e ouvindo o programa do Gil Gomes no rádio” (Cruz, 2016). “Ele era um baita contador de histórias. Além disso, toda a família sentava depois do jantar para ver telenovela. Dias Gomes, Janete Clair, adaptações de Jorge Amado” (Cruz, 2016). As grandes narrativas faziam parte do cotidiano.

Talvez não por acaso, a primeira experiência profissional do jornalista, no primeiro ano de faculdade, foi em uma estação de rádio: a Rádio *Trianon*. Os boletins que fazia eram baseados em notícias do telex, mas ele era muito talentoso com histórias “leves”, como brigas de bar que terminam em mortes causadas por peixeiras. Seu chefe começou a apreciar os relatos, e sempre que a verve era necessária, ele era designado. “Naquele tempo, locutores de rádio não só liam o material, mas o interpretavam, quase como atores”. No caminho para a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), no dia seguinte, ele tomava o ônibus ouvindo os seus boletins no *Walkman*.

Em 1995, depois de um ano e meio no rádio, ele foi selecionado para participar do curso de *trainee* do jornal *Folha de S. Paulo*. Depois de três meses, foi contratado como colaborador fixo do caderno *Cotidiano*. “Foi um período horrível. Não tinha o menor espaço e ainda era mal visto quando tentava fazer algo diferente no texto” (Cruz, 2016). Ficou frustrado porque não estava fazendo o melhor □ influência do pai, que sempre ressaltou a importância do trabalho bem feito. Ficou um ano e, no final do terceiro da faculdade, pediu para sair. Na faculdade, acharam que ele estava louco. “Como assim, você vai sair da *Folha*?” (Cruz, 2016).

Por um ano, trabalhou na L&M Comunicações, fazendo a revista do *Sindicato dos Panificadores e a do Shopping Iguatemi*. Fez vários perfis. Diz que deu sorte, pelos profissionais inspiradores que lá encontrou.

Em 1997, no quarto ano de faculdade, foi selecionado para o Curso da Editora Abril, então o maior império da mídia impressa da América Latina. No processo seletivo, teve de fazer o famoso texto “quem sou eu” e “porque eu escolhi o jornalismo por profissão”. Naquela época, Marília Scalzo (Scalzo, 2003) era coordenadora do curso, Humberto Werneck, entre outros, selecionava os textos. Após o curso, perguntaram em qual revista ele gostaria de estagiar. “Respondi *Placar*, e eles se surpreenderam que eu não tivesse dito *Veja*, que era a preferida da maioria dos candidatos” (Cruz, 2016). Segundo ele, preferiu “a segunda, não porque gostava de futebol (é Corintiano), mas porque, naquele momento, a revista me pareceu dar mais espaço ao texto autoral e às grandes histórias e também porque, pela experiência na *Folha*, eu sabia que precisava de mais tempo para trabalhar, coisa que o *hard news* da *Veja* não me daria” (Cruz, 2016).

Desde então, trabalhou por várias revistas da Abril, experimentou a bolha da Internet em 1999, voltou para a redação, trabalhou em projetos-piloto como *Porquê*, revista comandado por Fatima Ali (ALI, 2009) □ uma *Realidade* contemporânea que não vingou □, foi para a revista masculina da casa (era a *Loura da Playboy*, que respondia dúvidas sentimen-

tais dos leitores), trabalhou na *Isto É Dinheiro*, na agência de publicidade *TV1*, e sua última passagem pela Abril foi na *Revista da Semana*, onde ficou por dois anos.

Em 2009, voltou aos diários, como repórter do *Aliás*, caderno do jornal *O Estado de S. Paulo* criado em 2004, com Laura Greenhalgh como editora e onde permaneceu por sete anos, até 2016, então na posição de editor assistente. “Fazíamos um resumo crítico e analítico das principais notícias da semana” (Cruz, 2016).

Seu livro (Cruz, 2011) reúne 23 reportagens publicadas no *Aliás*. Na apresentação da obra, a jornalista Laura Greenhalgh destaca o modo de fazer reportagens do autor:

Quando ele se enfia na solidão aparente da sua escrita, fica assim tomado, concentrado, o olhar chega a ser um pouco frio. De repente – e já o surpreendi nesse de repente – vem um sorriso no canto da boca. Mas logo passa e o sujeito fica sério de novo. Batucando o teclado. Olhando a tela. Caladão. Já aconteceu de eu passar pela mesa dele, como fiz minutos atrás, para perguntar “e aí, Chris?”, enquanto ele escreve. A resposta vem na medida para espantar intromissão de chefe. “Estamos indo bem”. Três palavrinhas. Não mais. E nem duvido de que esteja indo bem (Greenhalgh, 2001, p. 9-10).

Do ponto de vista produtivo, segundo ele, a segunda-feira era dedicada a ver os assuntos que estavam esquentando. A reunião de pauta era realizada nas terças após o almoço, quando eram definidas a capa e a contracapa do caderno. Quartas e quintas eram destinadas à apuração e sexta para a redação, pois o caderno fecha no “pescoção” da noite da sexta, gíria que se refere ao fechamento da edição até que ela seja liberada para seguir para a impressão. Segundo Laura, os pontos fortes de Cruz são:

O Chris apura muito bem. Sai em busca de uns detalhes que até Deus duvida. Mas uma coisa que o Chris faz muito bem é observar. Ele pode ter dois dias para correr atrás de uma boa história, mas quando a encontra, e começa a desvendá-la, parece que tem o dom de esticar o tempo para justamente mergulhar na cena, abrir os ouvidos para o jeito com que as pessoas se expressam, sacar uma emoção aqui, um ato falho aí (Greenhalgh, 2001, p. 11).

Essa observação atenta parte de uma premissa importante: o que de fato é relevante no jornalismo contemporâneo? “Galeria de fotos dá muita audiência, mas que interesse, que relevância tem? Às vezes, as coisas importantes não têm repercussão na Internet. O perigo é ficar se baseando nisso [na audiência]. Nossa função é surpreender, dar o que o leitor nem imagina que quer” (Cruz, 2016).

Breve estado da arte sobre Christian Carvalho Cruz

Em estudo sobre a influência da obra *Fama & Anonimato*, de Gay Talese (2004), Serelle e Pinheiro sugerem que nas reportagens do livro *Entretanto, foi assim que aconteceu*, de Cruz, “é comum a crítica ao modo como a imprensa olha para um sujeito ordinário sem, contudo, vê-lo” (Serelle; Pinheiro, 2016, p. 73). Observação acertada, pois Cruz realmente exercita uma forte visão crítica social, esforçando-se para construir uma nova visibilidade para anônimos, mas também para mostrar lados desconhecidos de pessoas conhecidas. Contudo, ele transcende a mera crítica, inserindo-se no seleto time dos autores nacionais

que buscam uma visão compreensiva da realidade (Künsch, 2014; Medina, 2014). Longe de querer explicar o fenômeno, Cruz mostra a realidade que vê, partindo de premissas fenomenológicas (Martinez; Silva, 2014). Outra observação relevante de Serelle e Pinheiro refere-se ao uso da ironia. “Como se vê, o texto de Cruz é também marcadamente irônico, mas, à diferença do de Paiva, não faz de seus perfilados vítimas dessa ironia” (Serelle; Pinheiro, 2016, p. 74-75). De fato, Fred Melo Paiva, jornalista brasileiro autor de *Bandido Raça Pura* (Arquipélago, 2014) e também da série televisiva *Os Infiltrados*, exibida pelo canal *History Channel* em 2013, emprega a ironia de forma distinta. Algumas autoras, contudo, como Silva, entendem que se trata “da moral oswaldiana, portanto, é a moral do avesso, ou seja, da irreverência, da ironia, e da piada, armas de ataque contra a seriedade e seus modelos” (Silva, 2015).

Já Edvaldo Pereira Lima (2016), em mapeamento sobre estudos em Jornalismo Literário, aponta os estudos de Fabiano Ormanzeze (PUC-SP/EPL) sobre o autor. Em particular, destaca o trabalho apresentado, em 2015, no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), no qual, como coautor, Ormanzeze analisa a produção de Christian a partir das noções conhecidas como sete pilares do Jornalismo Literário, a saber: humanização, imersão, estilo, voz autoral, símbolos e metáforas, digressão, precisão de dados e informação (Ormanzeze; Oliveira; Santos, 2015). Outro trabalho que tem como tema o Jornalismo Literário, apresentado no congresso da Intercom em 2016, cita as reportagens de Cruz como exemplo do JL “nos diários de grande circulação, como *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, no caso paulista” (Martinez, 2016b).

Até o presente momento, há duas teses que abordam o trabalho do jornalista. Em uma delas, Assis alinha a reportagem de Cruz, “E Pimpoo se foi sem nunca ter ido”, publicada no *Estado de S. Paulo*, ao gênero diversional, como preconiza a escola de São Bernardo - isto é, dos estudiosos do campo da Comunicação e Informação ligados aos grupos de pesquisa da Universidade Metodista de Ensino Superior (Umesp) –, “nos reportando à forma que se mostra capaz de divertir e não os conteúdos que versem sobre diversão, entretenimento, lazer ou similares, apesar de que eles podem ser evocados em muitos casos” (Assis, 2014, p. 59). Assis lembra, no entanto, que nesta escola este gênero se define pela forma e não pelo conteúdo (Assis, 2014, 60). Já a segunda tese tem como foco o *ethos* do narrador no jornalismo (Martins, 2016), sendo que Cruz é um dos dez repórteres entrevistados pela pesquisadora. Neste quesito, Cruz se revela menos preocupado com o uso consciente (ou não) do narrador pelo autor e mais no humano ser que se encontra à sua frente: “Eu sempre vou quase “vazio” para esses encontros. Estou interessado, realmente, nessas pessoas, quero saber o que elas têm para contar, não é só o meu interesse jornalístico” (Martins, 2016, p. 53). E continua: “É o meu interesse de vida, real e sincero. Como eu estou vazio, me deixo encher pela história dessas pessoas, me deixo contaminar. Acho que é daí que eu vou tirar o jeito de escrever” (Martins, 2016, p. 53).

O método de Christian Carvalho Cruz e a observação reveladora de Mitchell

Para escrever, Christian Carvalho Cruz diz que aprecia fazer uma desconstrução, uma amálgama crítica com veia psicanalítica dos personagens das histórias de vida que redige. “Eu dou celebridade para os anônimos e humanizo as celebridades” (Cruz, 2016), diz, sintetizando a frase empregada pelo escritor e psicanalista paulista Renato Tardivo quando este resenhou o livro do jornalista para a *Amálgama* (Tardivo, 2011). Em “A princesa que

tomava ônibus”, ganhadora do *Prêmio Estado de Jornalismo* em 2011 (Cruz, 2011), ele parte da prepotência dos descendentes da família real brasileira, a começar pelo agendamento da entrevista. “Eu estava num plantão lendo jornal quando notei um anúncio na sessão fúnebre da família real convidando os súditos para mandar condolências pela morte da imperatriz por e-mail. Quando contatei o secretário de dom Bertrand, por telefone, ele me pediu para ir de gravata à entrevista, como eu conto na matéria. Acontece que eu não tenho gravata. Como dizia Vinicius de Moraes, sou contra tudo o que oprime o homem, começando pela gravata” (Cruz, 2016). Quem, afinal, era dona Maria Elizabeth Francisca Teresa Josefa de Wittelsbach e Croÿ-Solre de Orleans e Bragança – ou simplesmente D. Maria da Baviera? “Meu interesse se desperta quando eu fico chocado por algumas coisas. Nunca havia visto isso na vida. Quem era essa senhora? Havia uma imperatriz brasileira que eu nunca havia ouvido falar” (Cruz, 2016). No final da apuração, já na casa do filho, dom Bertrand, no Pacaembu, em São Paulo, viu um monte de torcedores a caminho do jogo do Santos. Pensei: ‘Cara, essa gente com essa pose toda e as pessoas fazendo xixi na porta da casa’ (Cruz, 2016). A partir desta reflexão, começou a redigir.

É a partir dessa produção de sentidos, após o trabalho de identificação de um tema original, longa observação e reflexão sobre aquela dada realidade, que este artigo analisa três reportagens do autor. Esta análise está relacionada com a noção de *revealing remark* ou observação reveladora (Martinez, 2014, p. 176), conforme observado por João Moreira Salles no posfácio do livro *O Segredo de Joe Gould*:

Dizia que não conseguia escrever sobre uma pessoa até que ela fizesse a “observação reveladora”, expressão cunhada por ele. Aqui está o ouro de toda a arte de Joseph Mitchell. A “observação reveladora” é aquela que surge absolutamente singular, dita provavelmente pela primeira vez, para surpresa e alegria do próprio falante. É uma palavra nova e inviolada, trazida à tona pela feliz empatia entre quem fala e quem escuta. Pouca gente consegue provocar isso. É preciso que, sem palavras, o entrevistador seja capaz de dizer ao entrevistado que tudo o que ele tiver a falar importa e merece ser ouvido. Essa é a dimensão moral da escuta: ouço porque você me interessa. Era assim que Mitchel escutava (Salles, 2003, p. 152).

Para Mitchel, se você conversar com uma pessoa o suficiente, ela revelará sua dor e suas experiências. Se houver realmente o encontro, como sugerido por Medina (1990), poderá ocorrer a identificação de algo único, colhido a partir da empatia de quem escuta e de quem fala (Martinez, 2008).

Para falar a verdade, depois de um tempo, eu tenho para comigo que se eu tinha alguma habilidade, cresceu a partir deste fato que eu não me entedio facilmente. Posso falar com qualquer um. O que você tenta fazer é selecionar as coisas reveladoras desta vida. Se eu falar com eles o tempo suficiente, as coisas mais surpreendentes surgem (Sims, 1995, p. 11, tradução nossa).

Do ponto de vista metodológico, poderíamos dizer que há um certo paralelo entre a “observação reveladora” de Mitchell e a pesquisa participante, se entendermos esta última

como um método que “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (Peruzzo, 2017, p. 161).

Reportagens analisadas

1. *Hilton Authentic* (Cruz, 2012a).
- 1.1. **Descrição:** História de vida de Antônio Wilson Honório, o Coutinho, um jogador do Santos contemporâneo de Pelé que, diferentemente deste, nunca ficou conhecido internacionalmente, famoso ou rico.
- 1.2. **Estrutura narrativa:** Do ponto de vista de enredo, Cruz escolhe como fio condutor sua viagem até Santos para a realização da entrevista, encerrando a narrativa ao término da mesma – o que delimita o tempo, o espaço e os ambientes, como o salão do Didi, onde é realizado o encontro. Os personagens são os encontrados ao longo deste percurso ou os inseridos por meio de outras entrevistas, como a documentarista Lina Chamie ou a esposa do ex-jogador, Vera Lúcia. Como não poderia deixar de ser numa história de vida, o protagonista é Coutinho. O próprio jornalista, contudo, também está presente na figura do narrador.
- 1.3. **A observação reveladora:** Cruz deixa bem claro, na abertura da matéria, qual é sua inquietação em relação ao ex-jogador:

Ainda no alto da Serra do Mar eu olhava o tempo horripelantemente bonito, de nuvens cinza baixíssimas, garoa, mas com o sol forte brilhando sobre a vegetação, e pensava que aquilo bem podia resumir o Coutinho. Eu nunca estivera com ele. Mas depois de ler a seu respeito e ouvir algumas pessoas, levava para o nosso encontro a impressão de que o eterno camisa 9 do Santos, lembrado em qualquer botequim como “o maior centro-avante que o Brasil já teve”, na velhice tinha se tornado aquele céu contraditório, uma névoa espessa esforçando-se para conter a própria glória. De modo geral as opiniões que eu reunira convergiam para a imagem de um astro sombrio: “Foi gênio, só que muito ressentido. Nunca lidou bem como fato de ter passado a carreira – e a vida – à sombra do Pelé” (Cruz, 2012a).

Como Cruz diz, “quando descrevo aquele céu no começo, me ajuda na hora de escrever. Ele podia estar deprimido. Mas eu não preciso botar essa palavra no texto para estar presente” (Cruz, 2016).

O jornalista aproveita a bela metáfora da sombra, que remete – mas que ele não usa com essa intenção □ ao conceito junguiano de um “lado sombrio de nossa personalidade que é difícil e doloroso de assumir” (Hopcke, 2012, p. 95).

É a partir desse negativo, quase fotográfico, que ele delinea este perfil densamente psicológico: a recusa em participar em qualquer produto cultural – documentários, filmes, livros, etc. □ sob a alegação de ser “uma questão de justiça. Quando é pro Santos eu faço. Se tem intermediário que vai levar grana com o meu nome, quero minha parte” (Cruz, 2012a). Elementos do próprio cenário ajudam a compor essa metáfora de sombra do Pelé: “As paredes do pequeno salão são forradas de imagens do Pelé. Tem Pelé em todas as faixas, de todos os tamanhos, desenhado, fotografado, pirografado. O Coutinho está aqui e lá, mas nunca sozinho” (Cruz, 2012a). Contudo, o jornalista respeita o que, talvez, seja a grande sombra da vida do jogador: o fato de ele achar que não apoiou o suficiente o filho que

faleceu jovem de Aids. Respeitoso, o jornalista sequer chega, na matéria, a nomear a doença. “Eles tiveram três filhos, duas meninas e um menino. O rapaz, Kleber, que jogou no juvenil do Santos – com a camisa 10 – morreu em 1989, aos 23 anos” (Cruz, 2012a).

O Coutinho não gosta de tocar no assunto, mas está assim na biografia autorizada *Coutinho, o Gênio da Área*, de Carlos Fernando Schinner: “A morte do filho é ainda hoje um assunto tabu para o ex-camisa 9. Coutinho não fala sobre a doença que matou Kleber e, ao lembrar-se do filho, com a voz embargada e lágrimas nos olhos, não se perdoa, acha que não ajudou o rapaz o bastante, como realmente deveria”. Sem saber o que dizer, digo que posso imaginar a dor que ele sente. O Coutinho me fulmina como numa cobrança de pênalti sem paradinha: “Você também perdeu um filho? Ah, não? Então, me desculpa, você não pode imaginar a dor que eu sinto”. Aos domingos, ele vai conversar com Kleber na missa da Igreja Santa Josefina Bakhita.

A culpa do ex-jogador toca em um medo comum à maioria dos pais: a perda de um filho. Cruz é casado desde 1998 com a colega de faculdade e também jornalista Kátia Gelling. Dos dois filhos do casal, Luiza, nascida em 1998, já mostra sinais de que seguirá o caminho trilhado pelos pais ao optar pelo jornalismo para o vestibular em 2016. Miguel, de 2004, tem imenso orgulho da vida e obra paterna. A observação reveladora, no entanto, que motivou o perfil, está incrustada no terceiro parágrafo da matéria: “Aquele tipo quase masoquista de autossabotagem me fascinava” (Cruz, 2012a).

2. *Força, Zanardi!* (2012b).

2.1 Descrição: matéria sobre o ex-piloto de Fórmula 1, Alessandro Zanardi, que perdeu as duas pernas num acidente da Formula Indy em 2001. Embora não tenha tido chamada de capa, a história de vida foi muito comentada dentro do jornal, tendo sido considerada, pela equipe, a melhor matéria da cobertura da Olimpíada de 2012 no *Estadão*.

2.2 Estrutura narrativa: Cruz abre a história de vida com o ponto que mais o chamou a atenção: a visão proativa do piloto sobre sua situação. Do ponto de vista narrativo, o texto contém digressões e diálogos (Wolfe, 2005), que reconstituem de forma pungente a tragédia:

Só para ilustrar, estar dentro de um carro que bate de frente a 320 km/h contra um muro significa que você tem 100% de risco de nunca saber o que aconteceu com seu corpo. No impacto, os órgãos continuarão a se mover em altíssima velocidade. E, no choque, seu pescoço se partirá. O cérebro se esmagará contra a parede frontal da caixa craniana. Os rins e o fígado explodirão instantaneamente. Tagliani não quebrou nenhuma costela porque seu carro se chocou contra uma área frágil do bólido de Zanardi, aquela onde se acomodam as pernas. A ausência de resistência minimizou a pancada e salvou a vida do canadense. Quanto a Zanardi, o pessoal do resgate demorou 19 segundos para chegar. Entre eles estava o ortopedista Terry Trammell, que narrou assim o que viu: “A primeira coisa que eu pensei em fazer foi aspirar aquele óleo todo de dentro do cockpit. Só que não era óleo. Era sangue”. Trammell usou um cinto como torniquete e pelo rádio chamou o diretor médico da prova, Stephen

Olvey. Seguiu-se um diálogo sem pontos de exclamação que só os médicos são capazes de travar numa hora dessas:

- Stephen, a situação aqui é muito ruim.
- Ruim quanto?
- As pernas dele se foram.
- Ok, você consegue pegá-las para nós tentarmos um implante?
- Você não entendeu. Elas se foram. Não existem mais. (Cruz, 2012b).

A leitura deste diálogo remete a outras reportagens memoráveis da história do jornalismo brasileiro, como *Eu estive na Guerra*, de José Hamilton Ribeiro (Martinez, 2016, p. 92).

2.3 Observação reveladora: Também nesta história de vida, Cruz deixa claro logo no primeiro parágrafo a reflexão que o ex-corredor de Fórmula 1 lhe causou:

A alegria de Alessandro Zanardi é um estorvo. Certamente não pra ele, amigos e parentes. É um estorvo pra você, pra mim, Deus, o diabo, qualquer um que esteja achando a vida uma merda porque lhe roubaram o rolex, porque não chove mais nesta cidade dos infernos, porque não vai dar pra bater a meta e encher o bolso de bônus, porque acabou o pó de café, porque o banheiro da firma fede como esgoto... A felicidade desse italiano duma figa, o jeito oblíquo e sincero de ele rir de tudo e pra todo mundo, é um grandíssimo estorvo. Bom, vocês conhecem o Zanardi. É aquele piloto de carros de corrida que perdeu as duas pernas num dos mais devastadores acidentes da história do automobilismo. Da esquerda lhe sobrou meia coxa. Da direita, a coxa inteira – sem o joelho. Na sexta-feira passada, falando de Londres, onde vai disputar provas de ciclismo na Paraolimpíada, ele se definiu assim: “Eu sou muito sortudo”. E riu um monte. Repetiu isso diversas vezes, de variadas formas. “Não é exagero dizer que sou um cara sortudo.” “Sou um homem de muita sorte.” “Sou uma pessoa de sorte.” Tá, tá bom, Zanardi. Eu entendi. Mas ele insistiu: “Sabe como eu cheguei aqui? Em 2001, numa prova de Fórmula Indy na Alemanha, meu carro partiu em dois. Numa parte ficou um pedaço de mim. Na outra estavam as minhas pernas, que, *arrivederci*, foram embora. E aí ganhei passagens para disputar estes Jogos Paraolímpicos em Londres. Mas antes daquele dia, se você me dissesse ‘Alex, por que você não disputa uma Olimpíada?’ eu te perguntaria ‘Ei, o que você andou fumando?’ Por isso eu digo: a vida me deu a chance de fazer tantas coisas surpreendentes nos últimos 11 anos que eu sou mesmo um cara de muita sorte” (Cruz, 2012b).

É a partir deste assombro que ele constrói a narrativa. “Eu já havia entrevistado outras pessoas sobre ele, visto o documentário, mas só consegui falar com ele no último dia, na sexta-feira de manhã” (Cruz, 2016). Cruz conta que esperava encontrar alguém amargurado com a vida. “A entrevista me causou um choque. Encontrei um cara mais feliz do que eu. Foi um estorvo! ‘Esse cara me incomoda’, pensei. Como ele pode ter perdido as duas pernas e ter rido tanto numa entrevista de meia hora por telefone” (Cruz, 2016).

3. *Nonada, Ralf* (Cruz, 2015).

- 3.1 **Descrição:** história de vida do volante (jogador da defesa) paulista Ralf Souza Teles, na época camisa 5 do Corinthians, que atualmente joga no time chinês Beijing Guoan .
- 3.2 **Estrutura narrativa:** Como Gay Talese no célebre perfil sobre Frank Sinatra (Talese, 2004), Cruz não conseguiu entrevistar o jogador para o perfil. Contudo, seguiu o mesmo caminho trilhado pelo escritor estadunidense: realizar entrevistas para lançar luzes sobre a personalidade do jogador. Logo no começo, ele faz um pacto com o leitor, deixando claro que ele não foi entrevistado:

Ralf é um jagunço. Jagunço? Bom, é como se referem ao camisa 5 do Corinthians quando a gente diz que pretende conversar com ele. Desejam até sorte, com um pouco de pesar. O Ralf é um jagunço, boa sorte. Só pode ser então jagunço no sentido de pouca fala, desconfiado, meio desgovernado na articulação das frases, sempre as mesmas frases começadas com “ih graças a Deus” ou “ih a equipe tá de parabéns”. Porque no outro sentido, o de jagunço capanga, volante incansável e intransponível, só sabe quem joga contra ele. Como a intenção era conversar, não entrar numa dividida com o Ralf, e ele não quis saber de papo, restou a literatura, campo santo semeado de Jagunço pra todo uso, gosto e desgosto (Cruz, 2015).

Por meio das entrevistas, o jornalista vai delineando o perfil do jogador:

Sentado na praça de alimentação de um shopping na zona leste, usando brincos de brilhante e olhos azuis igualmente falsos, o Kanu conta o que aconteceu com o Ralf no São Paulo. “Se liga na resenha, tio. Me lembro como se fosse hoje”, ele pede. “O Vizolli era o técnico. Um dia ele foi ao meu quarto e disse: ‘Você foi bem, vai continuar. Mas seu amigo não tem personalidade pra ser jogador de futebol, vamos dispensar ele’.” Rodopiando o celular sobre a mesa e esticando as pernas finas embaixo dela, o Kanu continua: “O Ralf sempre foi muito quietão. Nos treinos no São Paulo, ele perdia a bola ou errava um passe, e os playboyzinhos que jogavam lá xingavam ele. ‘Que porra você fez, moleque? Não sabe jogar sai fora. Aqui não tem lugar pra grosso. Volta pro Taboão.’ O Ralf nunca respondeu, nunca xingou de volta. E o Vizolli, que tinha sido um volante durão, tipo cão de guarda, achava que ele tinha que reagir”. Até na fila do bandeirão furavam a vez do Ralf – como depois faria o presidente corinthiano –, e ele preferia engolir a criar caso (Cruz, 2015).

- 3.3 **Observação reveladora:** Para escrever sobre Ralf, o jogador do Corinthians, Cruz parte de um elo comum: a introspecção. “Ele nunca fala, é muito fechado. Faz um trabalho importante no time, todo mundo respeita pela capacidade de doação, mas não é um craque, é mais um carregador de piano” (Cruz, 2015). E completa: “Eu achava que era timidez. Eu queria saber de onde vinha aquela timidez toda. Fiquei umas três semanas esperando ele falar. Mas não falou. Eu sofro nestes casos, por não dar conta” (Cruz, 2015).

A mãe do Ralf, dona Elena, considera o seu caçula um bom menino porque ele é, nesta ordem, muito religioso, dedicado e não quer ser mais do que ninguém. Baiana de Vitória da Conquista, ex-diarista, ela mora

com o marido Gildete na mesma casinha simples na região do Grajaú onde criou os três filhos: Cleomar, segurança, Kleber, metalúrgico, e o Ralf. A dona Elena diz que, apesar de agora ter um filho rico, não se muda porque teme não se acostumar em outro lugar. “Aqui eu sei quem é bom e quem é mau. Pros lados do Ralf (Tatuapé) eu não conheço nada.

Se ele me forçar a ir pra lá eu vou, mas prefiro ficar. Ele vem me visitar a cada duas semanas. Para o carrão aí na rua e a campainha toca o dia inteiro. Todo mundo querendo foto e autógrafo. Ele nem consegue almoçar, coitado.” Nesses dias, a dona Elena faz pro Ralf uma rabada e um ovo frito com manteiga, que, segundo ela, é a fonte da vitalidade dele.

Parada no alto da escada que desce até a casa na parte baixa do terreno, ressabiada e sem se arriscar portão afora, ela lembra que o filho jogador é dado a esconder as coisas mais importantes da vida dele. “Do sofrimento no Maranhão, depois que mandaram ele embora do São Paulo, acho que o Ralf só me contou a metade”, ela diz, olhando pro chão. “Mas eu sou mãe, levei ele pra cima e pra baixo pra fazer teste, peneira, essas coisas, sei direitinho o tamanho da tristeza.”

Como o jagunço rosiano cheio de segredos, até a ida pro Corinthians o Ralf escondeu. “Só ficamos sabendo pela televisão.” Quando voltou pra casa, depois da apresentação no clube, ele se explicou: “parecia tão mentira” que jogaria com o Ronaldo Fenômeno que preferiu ver primeiro pra crer. E porque o Ralf é tão calado, dona Elena? “Ah, isso é de família, né? A gente é tudo assim mesmo, meio encabulado. Espero que vocês não levem ele a mal.” Ora, de modo algum (Cruz, 2015).

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar a obra do jornalista brasileiro Christian Carvalho Cruz a partir do referencial de alguns teóricos do Jornalismo Literário. A abordagem metodológica compreendeu revisão de literatura sobre o autor, incluindo a produção recente publicada na forma de artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos e teses de doutorado. O corpus preconizou a seleção de reportagens publicadas após o livro *Entretanto, foi assim que aconteceu*, que concentra a maior parte dos estudos feitos sobre o autor. Além disso, a seleção foi feita, de forma experimental, com a colaboração do jornalista. O uso deste método se revelou interessante, uma vez que os três perfis escolhidos, que têm como temática comum os esportes, não teria sido uma opção cogitada pela autora do estudo – o que pode ter contribuído para o distanciamento e consequente enriquecimento da análise. Em adição, recorreu-se ao método da história de vida, por meio sobretudo da técnica da entrevista aprofundada, para mapeamento da vida de Cruz, o que permitiu a correlação da obra com a vida do autor na fase da análise dos textos. Finalmente, optou-se por estudar aproximações de Cruz com outros expoentes do Jornalismo Literário, como Joseph Mitchell (1908-1996), concentrando a análise, em particular, na noção de “observação reveladora” (*revealing remark*).

Os resultados sugerem que o ponto alto da sensibilidade do texto está em direta relação com a noção de observação reveladora, isto é, o momento de empatia com o entrevistado que faz com que o jornalista o compreenda e, a partir de então, compartilhe esta sua noção ampliada de alteridade com o(a) leitor(a). No primeiro texto, sobre o ex-jogador Coutinho, trata-se de sua postura *low profile*, de baixa exposição, definida por Cruz como

uma autossabotagem quase masoquista que o fascinou. No segundo, sobre o ex-piloto de Fórmula 1, Alessandro Zanardi, trata-se da sensação de estorvo por se ver um simples mortal que reclama da vida em contraposição ao alto-astral do corredor que perdeu as duas pernas num acidente automobilístico. Finalmente, sobre Ralf, ex-jogador do Corinthians, Cruz parte de um elo comum: a introspecção. O próprio jornalista, bastante tímido, optou por esta profissão porque não se considerava falante o suficiente para trabalhar num ramo específico da publicidade que não o da criação, como a venda de anúncios. A opção por exercitar o narrador pode não ser consciente, como revela o estudo de Martins (2016). Da mesma forma, a seleção dos personagens também pode não ser feita de forma consciente. Contudo, o texto único e criativo surge a partir da ressonância ou, em termos junguianos, da projeção de alguma sombra do jornalista no perfilado.

Mais estudos que relacionem estes campos do saber, a psicologia e a comunicação podem ser salutares para lançar novas luzes neste complexo assunto que é a atuação dos jornalistas em um cenário profissional e mercadológico em fase de transformação. Afinal, como dizia Joseph Mitchell: “Você quer conduzir seu leitor até a última sentença. [...] “Esse é o ponto principal da história. Eu não quero levá-lo lá apenas por fato. Eu quero levar o leitor lá, passando por uma experiência que eu tive que foi reveladora” (Sims, 1995, p. 11).

Recebido em: 27 dez. 2016

Aceito em: 13 abr. 2017

Referências

- ABDALA JUNIOR, B. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.
- ALI, F. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- ASSIS, F. DE. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira**. [s.l.] Universidade Metodista de São Paulo, 2014.
- BAK, J.; REYNOLDS, B. **Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences**. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2011.
- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CASTRO, G. DE. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- CASTRO, G. DE; GALENO, A. (Orgs). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005.
- CRUZ, C. C. **Entretanto, foi assim que aconteceu**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011.
- _____. Hilton Authentic. **O Estado de S.Paulo**, p. J8, 20 mai 2012a.
- _____. Forza, Zanardi! **O Estado de S.Paulo**, p. J8, 2 set. 2012b.

- _____. Nonada, Ralf. **O Estado de S.Paulo**, p. E6, 29 nov. 2015.
- _____. Christian Carvalho Cruz. **Entrevista concedida a Monica Martinez**, 16 fev. 2016.
- CUNHA, E. da. **Os sertões**: campanha de Canudos. 27. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- _____. **Rebellion in the backlands**. Chicago: University of Chicago Press, 1944.
- GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.
- GREENHALGH, L. Apresentação. In: **Entretanto, foi assim que aconteceu**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2001. p. 9–15.
- HOPCKE, R. H. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- KÜNSCH, D. A. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Libero**, v. 17, n. 34, p. 111–122, 2014.
- LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1990.
- LIMA, E. P. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Famecos**, v. 23, n. 1, p. 1–19, 2016.
- LIMA, E. P.; MARTINEZ, M. Eliane Brum: new star in Brazil's Literary Journalism firmament. In: KEEBLE, R. L.; TULOGH, J. (Eds.). **Global literary journalism: exploring the journalistic imagination**. New York: Peter Lang, 2014. p. 171–181.
- MARTINEZ, M. The goodListeners: Joseph Mitchell (US), José Hamilton Ribeiro (Brazil) and Literary Journalism. **Brazilian Journalism Research**, n. 1, p. 121–139, 2008.
- _____. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, p. 75–90, 25 fev. 2015.
- _____. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016a.
- _____. Jornalismo literário no século 21: reflexões sobre conceitos, história e redes de pesquisas. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...**São Paulo: Intercom, 2016b.
- MARTINEZ, M.; SILVA, P. C. da. Fenomenologia: o uso do método em Comunicação. **E-Compós**, v. 17, n. 2, p. 1–15, 2014.

MARTINS, J. L. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2016.

MEDINA, C. **Entrevista: o diálogo possível**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social. **Tríade**, v. 2, n. 4, p. 8–22, 2014.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Eds.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 143–167.

_____. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ORMANEZE, F.; OLIVEIRA, A. C. P. DE; SANTOS, M. G. S. DOS. As características jornalísticas e literárias dos textos da coletânea “Entretanto, foi assim que aconteceu”. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2015

PERUZZO, C. M. K. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. XXIII, n. Especial III, p. 161–190, 2017.

SALLES, J. M. O homem que escutava. In: **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 157.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. [s.l.: s.n.].

SERELLE, M.; PINHEIRO, C. H. O paradigma fama/ anonimato no jornalismo narrativo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 13, n. 1, p. 68–76, 2016.

SILVA, M. C. C. O Infiltrado: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. **Galáxia**, v. 2, n. 35, p. 125–137, 2015.

SIMS, N. The art of literary journalism. In: SIMS, N.; KRAMER, M. (Eds.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. [s.l.] Ballantine Books, 1995. p. 467.

TALESE, G. **Fama & anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TARDIVO, R. Repórter habita as histórias. **Amálgama**, p. 1, jul. 2011.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.